

A CONTEMPORANEIDADE DA DISTINÇÃO ENTRE O FILÓSOFO E OS AMANTES DE ESPETÁCULOS NO LIVRO V DA *REPÚBLICA* DE PLATÃO

José Valdir Teixeira Braga Filho*

Pedro Henrique Araújo Santiago*

Resumo: Nossa investigação aborda a distinção entre o filósofo e os amantes de espetáculos, conforme se apresenta no pensamento platônico em (*Rep. V*, 474d-480a). Para tanto, apresentamos o que o pensador ateniense entende por conhecimento, opinião e ignorância. Essa investigação se justifica, porque traz à tona uma discussão sobre *o que é ser filósofo* num período histórico da política brasileira no qual a disciplina filosófica se encontra cada vez mais instrumentalizada pelo modelo econômico vigente. O resultado dessa investigação é: se para o filósofo grego a capacidade de contemplar as formas em si e por si e ultrapassar a percepção das coisas sensíveis são inerentes à atividade filosófica, a filosofia jamais poderia se submeter aos interesses do capital.

Palavras-chave: filósofo; amantes de espetáculos; opinião; conhecimento; ignorância.

THE CONTEMPORANEITY OF THE DISTINCTION BETWEEN THE PHILOSOPHER AND THE SIGHLOVERS ON BOOK V OF PLATO'S *REPUBLIC*

Abstract: Our investigation concerns the distinction between the philosopher and the lovers of spectacles according the platonic thought in (*Rep. V*, 474d-480a). Therefore, presents what the Athenian thinker knows for knowledge, opinion and ignorance. This research justifies itself by the take account with the discussion about *what is to be the philosopher* at historical period of Brazilian politics which the philosophy is continuously instrumentalized by the economic model in vigor. The result of this investigation is: If for the Greek philosopher the competency of contemplation the forms by itself and transcend the perception of the sensible things are inherent with the philosophical activity, the philosophy never could be submissive for the interests of capitalist society.

Keywords: philosopher; sighlovers; opinion; knowledge; ignorance.

1. Introdução

* Mestrando em Filosofia política e ética pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Faz parte do grupo de estudos e tópica Vichiana, integrado ao laboratório de Metafísica e Estética da Universidade Estadual do Ceará. Participante do laboratório de Estética e Espaço Social Pier Paolo Pasolini. Bolsista Capes. E-mail: valdirdrummer@gmail.com.

* Graduado em Filosofia/ Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Bolsista/CAPES. Membro do Grupo de Estudos Platônicos da UFC. Tem interesse na área de Filosofia Antiga, com ênfase em Ontologia, Epistemologia e Linguagem. E-mail: pedro_010994@hotmail.com.

A filosofia platônica abarca simultaneamente elementos de ordem ética e política, e, igualmente, ontológica e epistemológica. Essas temáticas podem ser observadas na *República*, na qual o filósofo se detém demoradamente sobre a problemática da Justiça. Contudo, longe de querermos dar conta de todas essas questões, focamos nossa investigação no livro V (476b-480a) da obra em questão, passagem na qual podemos verificar as reflexões de Platão sobre *o que é ser filósofo*. Nesse sentido, com o intuito de definir a atividade filosófica, o pensador a diferencia de outra atividade discursiva, exercida pelos amantes dos espetáculos que, ao invés de elevar a alma à contemplação das Formas inteligíveis, deleitam-se com a natureza das coisas sensíveis (belas vozes, as cores e todas as obras trabalhadas com perfeição) (*Rep.* V, 476b).

Diante do modo operacional do capitalismo, a partir do qual tudo é instrumentalizado, inclusive a própria filosofia, para servir de perpetuação do capital, faz-se necessária a reflexão de Platão sobre *o que é ser filósofo*. Ora, tendo em vista que o filósofo é definido como alguém que dirige a alma ao conhecimento das Formas inteligíveis, podemos inferir que a filosofia encontra uma incompatibilidade com a instrumentalização operada pelo capitalismo, pois o compromisso do filósofo, segundo o mestre ateniense, é tão somente com a verdade⁷¹. Isso posto, esclarecemos que esse escrito consiste num *exercício hermenêutico* que busca compreender de que modo o pensamento platônico pode servir de auxílio nas querelas contemporâneas.

Dessa maneira, no intento de sustentar a nossa hipótese que o capitalismo instrumentaliza tudo em seu próprio benefício, apoiamo-nos na interpretação que fazemos da tese de Sílvio Gallo (2012, p. 21), segunda a qual a filosofia é instrumentalizada no sistema educacional brasileiro, tendo em vista que este se encontra em conformidade com os ditames do capitalismo *em que tudo é um meio para um fim*. Tal situação representa um desafio para o ensino de filosofia nas escolas de ensino médio, pois, segundo o comentador, “a filosofia se define como um fim em si mesmo, e não como um meio para atingir um objetivo determinado” (*ibidem*). Entretanto, Gallo

⁷¹Justificamos essa afirmação com base nas análises de Lyotard (2009, p. 111-120) que, no limiar do século XX, asseverou que as ciências acabaram por ser reduzidas à produção de narrativas que legitimassem projetos de poder.

reconhece que tal definição é difícil se efetivar na configuração atual do capital, na qual a nossa disciplina filosófica tem sido orientada com a finalidade de manter e corroborar com a sustentação do *status quo*⁷².

Nessa perspectiva, a busca por uma definição de *o que é ser filósofo*, que seja capaz de manter aquela característica essencial, apontada por Platão, de alguém que contempla a verdade, atualmente confronta-se com exigência de instrumentalização das coisas pelo capitalismo. Por essa razão, definir *o que é ser filósofo* é uma tarefa da qual não podemos abrir mão, posto que aceitar passivamente a instrumentalização da sua atividade, destituindo-a de uma das suas características principais, que é a busca pelo conhecimento, significaria, em última instância, a destruição da filosofia.

Sendo assim, levando em consideração a concepção de Platão sobre *o que é ser filósofo*, resolvemos problematizá-la, buscando evidenciar que, dentro do regime capitalista, é inviável que elevemos plenamente a alma em direção à contemplação das Formas inteligíveis. Esse processo de conhecimento se chocaria com os interesses capitalistas, visto que a filosofia busca a verdade, e, portanto, não poderia ser instrumentalizada em benefício do sistema econômico.

Para discutirmos essa problemática foi necessário tanto nos reportar a distinção, estabelecida por Platão, entre o filósofo (φιλόσοφος) e outros modos de vida que se utilizam do discurso, bem como definirmos o que são o conhecimento, a ignorância e a opinião. Afinal de contas, essas questões são fundamentais, uma vez que os gregos do período antigo não dispunham de um termo específico para diferenciar o filósofo do retórico. Somada a esta dificuldade, temos o fato de o termo sofista também ter sido empregado, por muito tempo para designar aqueles que, mais tarde, ficariam conhecidos por filósofos (VICO, 2004, p.2). Portanto, tendo em vista a necessidade de distinguir o filósofo de outras atividades que possuem relação com o *logos*, esta investigação trata da distinção entre os amantes da sabedoria e os amantes de espetáculos (φιλοθεάμονας) (*Rep.* V, 474d-480a), mostrando que é inviável a completa realização da filosofia em

⁷²A defesa do ordenamento capitalista, ao lado de um fundamentalismo religioso, é um fenômeno crescente na educação brasileira. O neoconservadorismo encontra cada vez mais representantes entre os parlamentares. Eles buscam legitimar a desigualdade baseando-se no ideal de meritocracia, advogando contra direitos sociais, “almejando uma sociedade sem restrições de mercado e reservando ao Estado a função coercitiva de reprimir violentamente todas as formas de contestação à ordem social e aos costumes tradicionais” (LIMA; HYPOLITO. 2019, p. 4).

virtude dos ditames da economia contemporânea que tudo instrumentaliza em prol de seus próprios interesses.

2. A possibilidade de contemplar as Formas como critério para distinção entre o filósofo e os amantes de espetáculos

Platão delimita as noções de conhecimento, ignorância e opinião em (*Rep. V*, 477a-480a). Segundo o pensador, conhecer é conhecer as Formas inteligíveis que são eternas e imutáveis; a ignorância, por sua vez, é definida como a ausência absoluta do saber, enquanto, por último, a opinião é apresentada como intermédio entre aquelas duas (*Rep. V*, 477a-b). Diante disso, o fundador da Academia argumenta que, por um lado, o conhecimento do filósofo ultrapassa as realidades sensíveis, na medida em que contempla as Formas, e, por outro lado, os amantes de espetáculos se encontram restritos à opinião (ou à crença), pois, limitando-se a perceber o que é aparente, através das *senso-percepções*, são incapazes de conhecer as Formas em si e por si (*Rep. V*, 477a- 480a).

Dessa maneira, a realização da *polis* não ocorrerá “enquanto não forem, ou os filósofos reis nas cidades, ou os que agora se chamam reis e soberanos filósofos genuínos e capazes, e se dê esta coalescência do poder político com a filosofia [...]” (*Rep. V*, 473d). Nessa perspectiva, concordamos com Arendt, quando a filósofa argumenta que o objetivo de Platão, na *República*, é propor um modo de administração da *polis* em que a verdade pudesse encontrar um lugar no espaço público em meio às opiniões. (ARENDR, 2007, p. 62-63).

Portanto, objetivando estabelecer uma relação entre o platonismo e o mundo presente, mostramos a distinção entre conhecimento, ignorância e opinião com a finalidade de reforçar nossa tese de que há uma incongruência entre *o que é ser filósofo* e os interesses do sistema capitalista. Ora, se a filosofia busca o conhecimento que ultrapassaria as realidades sensíveis, ela não poderia estar subordinada à simples reprodução do *status quo*. Também, não seria permitido ao rei filósofo abrir mão do conhecimento das Formas em detrimento dos interesses de um modelo econômico que

não tem a pretensão de ultrapassar as aparências e as opiniões, posto que, se as buscasse superar, colocaria em risco seu objetivo de reproduzir a si mesmo.

O caminho intelectual, empregado por Platão, com o intuito de distinguir o filósofo dos amantes de espetáculos, conta com muitos argumentos. O filósofo grego afirma, inicialmente, que quem possui afinidade por algo não estima apenas uma parte, mas sim a totalidade (*Rep. V, 474d-475b*) sendo isso possível de ser observado quando levamos em conta que o amante ao encontrar algo de belo no amado, não deseja apenas a parte bela, mas a *totalidade*.

Essa busca pelo todo e não somente pela parte ocorre de modo análogo ao filósofo, que não deseja apenas uma parte da sabedoria, mas a sua totalidade (*Rep. V, 475b-d*). Por isso, Sócrates questiona: “mas àquele que deseja prontamente provar de todas as ciências e se atira ao estudo com prazer e sem se saciar, a esse chamaremos com justiça filósofo, ou não?” (*Rep. V, 475c*). Entretanto, amar a sabedoria em sua totalidade não basta para definir alguém como filósofo, podendo haver igualmente homens que amam todo tipo de sabedoria e não são filósofos. Por isso, devemos nos questionar: como é possível amar o saber em sua totalidade e, ainda assim, não ser filósofo? Platão apresenta a resposta a esta pergunta na proporção em que a investigação se direciona para análise das Formas.

Na sua investigação sobre as Formas, Platão emprega os exemplos do Belo e do Feio, bem como do Justo e do Injusto, pois, uma vez que são contrários, também são em si e por si (*Rep. V, 475e-476a*). Entretanto, a sua essência nem sempre é fácil de ser conhecida, pois as Formas, de modo geral, “[...] aparecem em combinação com ações, corpos e umas com as outras, cada uma delas se manifesta em toda a parte e aparenta ser múltipla” (*Rep. V, 476b*). Apoiando-se nisso, Platão apresenta a distinção entre o *amante da sabedoria* e os *amantes de espetáculos*. Entretanto, estes últimos são capazes de perceber as coisas belas, recusam a existência da Forma do Belo em si, isto é, eles admitem que existam coisas belas; porém, negam que as coisas belas são belas por participação na Forma do Belo em si (*Rep. V, 476c*).

De acordo com Platão, perceber que alguma coisa é bela, sem conhecer a Forma do Belo em si, é o mesmo que não distinguirmos o ‘que é realidade’ do ‘que é sonho’, já que existe diferença entre as Formas, em si e por si, das coisas que participam dela. Nesse sentido, o filósofo seria aquele que sabe que “[...] existe o Belo em si e é capaz de o contemplar, na sua essência e nas coisas em que tem participação, e sabe que as coisas não se identificam com ele, nem ele com as coisas” (*Rep. V, 476d*).

A partir do trecho, fica compreendida a analogia, posto que nos ficou evidenciado a necessidade de diferenciarmos o Belo em si das coisas que são belas por participarem dele, analogamente a alguém que é capaz de distinguir a vigília (o que ocorre na realidade) do sonho (imagem que se assemelha à realidade). Posto isso, os amantes de espetáculos, na sua incapacidade de conhecer as Formas em si e por si, uma vez que admitem muitas coisas belas, mas negam o belo em si, apenas emitem opiniões (*Rep. V, 476e -478e*).

Entretanto, é oportuno aludirmos a mais uma característica daquilo que Platão define como conhecimento. De acordo com o filósofo, o conhecimento é uma *capacidade ou uma competência (dynamis)* que recebe tal nome, em virtude tanto daquilo que lhe causa (conhecimento das Formas inteligíveis), como graças ao seu efeito (o saber). Por essa razão, Bloom (1991, p.461), afirma que o termo *dynamis*, deve ser traduzido por potencialidade, visto significar poder, capacidade ou faculdade que na antiguidade grega eram sempre compreendidos em relação ao seu fim. Na mesma linha interpretativa segue Trindade Santos (2008, p.77), quando propõe traduzir *dynamis* por competência: o grego é *dynamis* (no singular, *dynamis*)⁷³. A tradução ‘competências’ pretende evitar a confusão destas ‘potências’ platônicas com a ‘faculdade’ aristotélica, pelo fato de esta poder se achar associada a um órgão específico.

Ainda, de acordo com Trindade Santos (*ibidem*), a competência, para Platão, se define pela causa e pelo meio pelo qual o efeito é produzido. O saber (*epistême*) se exerce sobre o ser (*to on*) e seu efeito é o saber. A crença (*doxa*) se exerce sobre a

⁷³Na edição Oxford o texto original apresenta os termos δύνανται e δυνάμεων.

aparência (*doxa*) e seu efeito é a opinião. Por fim, a ignorância (*agonia*) se exerce sobre o não-ser (*mê on*) e seu efeito é a ignorância. Como se verifica no diálogo:

Não vejo nas potências qualquer cor ou figura ou qualquer dos predicados como tem tantas outras coisas, observando algumas das quais distingo para comigo que uns objectos são de uma qualidade, e outros e outra. Numa potência, apenas reparo no seu objecto e nos seus efeitos; e deste modo chamo potência a cada uma delas, e chamo idênticas às que se aplicam ao mesmo objecto e produzem os mesmos resultados, e diversas as que se aplicam a objectos diferentes e operam outros efeitos (*Rep. V, 477d*).

Em vista desse argumento, podemos observar que o autor compreende a ciência como a potência que tem por finalidade o conhecimento, enquanto a opinião é a potência que tem como fundamento a aparência (*Rep. V, 477e*). Nessa perspectiva, a opinião e a ciência se distinguem, de acordo com a inclinação que lhes são próprias. Para Platão, a ciência trata de compreender o ser e o modo como ele se comporta, enquanto a opinião, que julga com base nas aparências, possuindo uma potência diferente, não pode ser objeto do conhecimento (*R. V, 478a-478b*).

Tendo por base o que foi discutido aqui, notamos que a qualidade do filósofo, enquanto conhecedor da totalidade, mas não somente das partes, contraria a necessidade de o regime econômico capitalista reproduzir a si mesmo, utilizando tudo como meio para sua perpetuação. Assim, o capitalismo precisa manter a aparência que não instrumentaliza toda a realidade para benefício próprio, a fim de não despertar a revolta das pessoas, fazendo isso, ele corrobora com que os indivíduos desenvolvam mais a competência da opinião, atrelada aos amantes de espetáculos, do que a do conhecimento, vinculada ao filósofo. Afinal de contas, se o regime econômico vigente não pode mostrar a sua real forma que tudo instrumentaliza, é mais vantajoso que sobre ele as pessoas só tenham opiniões e jamais conheçam o que de fato ele é.

O filósofo, por sua vez, enquanto alguém que é obrigado a recusar a aparência como o autêntico conhecimento da realidade, precisa compreender o capitalismo não como ele quer aparentar ser ou como ele quer ser opinado pelos indivíduos, mas como ele é na sua totalidade, enquanto sistema econômico que tudo instrumentaliza em prol da sua reprodução.

2.1 O filósofo como aquele que possui o conhecimento das Formas

Para Platão, o conhecimento é possível apenas em razão de se referir ao *que é*, enquanto a opinião, por outro lado, advindo da aparência, debruça-se tanto sobre o *que é*, como o *que não é* (*Rep. V*, 477a). De acordo com Peters (1967, p.40), a opinião ou a crença aparece em oposição ao conhecimento verdadeiro. Tal distinção se baseia no estatuto ontológico de que a coisa percebida (*aistheta*) encontra-se excluída da esfera do ser (*to on*), e, portanto, não pode estar relacionada com o conhecimento das coisas que são.

Nessa mesma perspectiva, argumenta Gail Fine, em *Knowledge and Belief in Republic V*, sobre a correlação entre conhecimento, como aquilo que é; a ignorância, como aquilo que não é; e crença ou opinião, como aquilo que pode ser e não-ser. Por isso, a nossa intérprete sustenta o seguinte: “[...] apenas aquele que conhece as formas possui conhecimento [...]”, enquanto “[...] os amantes dos espetáculos estão restritos ao mundo revelado pelos sentidos e, por isso, possuem crença” (2003, p.68. Tradução nossa).

Logo, a diferença entre o conhecimento e a opinião é ela poder ser verdadeira ou falsa, algo que não pode ocorrer com aquele (WOZZLEY; CROSS, 1964, p.166-167), considerando que o conhecimento é sobre algo que é e não pode não ser. Assim, o conhecimento é a respeito de algo que é absolutamente cognoscível; a ignorância a respeito de o que é totalmente incognoscível; e a opinião, por fim, é o ponto intermediário entre o ser puro e o não-ser absoluto (*Rep. V*, 478b-478d).

Restrito à sensibilidade, os amantes de espetáculos são incapazes de concordar que o Belo e o Justo sejam Formas em si e por si, pois, segundo Platão, eles não entendem que há “algo de Belo em si e na Ideia de Belo absoluto que se mantém sempre da mesma maneira, mas entende que há muitas coisas belas” (*Rep. V*, 479a). Sobre este ponto, é importante levarmos em consideração o comentário de Elisabeth Johnson-Laidlaw:

O estado mental da crença permanece distinto do conhecimento. No entanto, neste trecho o Belo é um objeto comum à crença e ao conhecimento. Platão sustenta que sem o conhecimento da Forma do Belo, não se pode conhecer a beleza das coisas, mas apenas julgar que elas são belas (JOHNSON-LAIDLAW. 1996, pp. 54-55. Tradução nossa).

Fundamentando-se nesse argumento, podemos observar que a distinção entre o filósofo e os amantes de espetáculos consiste numa diferenciação epistemológica, já que ambos se distinguem de acordo com o tipo de competência cognitiva que cada um faz uso, ou seja, o filósofo é aquele que conhece, através do pensamento, as *coisas que são* e os amantes de espetáculos são aqueles que emitem opiniões com base nas *senso-percepções*. Ainda no que se refere à distinção entre o conhecimento e a opinião, em (*Rep. V, 479d*), faz-se necessário nos atentarmos ao comentário de Trabattoni:

O Filodoto que Platão trata, aqui, é aquele incapaz de admitir que é possível fazer afirmações sobre a existência das Ideias; o Filósofo, por outro lado, admite isso, e pode afirmar que as Ideias existem como algo distinto e separado de todas as outras coisas. Para que isso seja possível, o Filósofo deve possuir, obviamente, algum tipo de informação sobre as realidades que ele distingue das outras, a saber, as Ideias. No nosso caso, esta informação simplesmente consiste em saber que as coisas belas não são perfeitamente belas, e assim por diante, isso não implica que o filósofo veja as Ideias através da *intuição*⁷⁴ intelectual ou seja capaz de descrevê-las completamente pela definição. Portanto, o filósofo é alguém que emprega o *logos* como um meio de afirmar a existência das Ideias distintas e não alguém capaz de apresentar uma definição completa e esgotável delas (TRABATTONI, 2016. p.155-156. Tradução nossa).

Nesse sentido, assinalamos, em concordância com Trabattoni, que o filósofo, segundo Platão, consiste em alguém capaz de utilizar o *logos* para afirmar a existência do âmbito das Formas inteligíveis sem necessariamente asseverar uma conceituação definitiva delas. Todavia, mesmo não sendo viável apresentar uma noção que esgote a compreensão da realidade das Ideias, Platão distingue o conhecimento da opinião, e, como consequência, temos, por um lado, o conhecimento ser exclusivamente sobre as Formas, e, por outro lado, a opinião ser especificamente a respeito das coisas sensíveis (SANTOS, 2008, p.77). Dessa maneira, aqueles que são capazes de contemplar a multiplicidade das coisas sem a capacidade de conhecer a Forma são incapazes de saber

⁷⁴ Itálico nosso.

que “[...] têm opiniões sobre tudo, mas não conhecem nada daquilo sobre que as emitem” (*Rep.* V, 479e).

Portanto, o amante de espetáculos contempla o Belo apenas nas coisas sensíveis, enquanto o filósofo conhece a Forma do Belo em si e por si, visto o primeiro negar a realidade das Formas inteligíveis, permanecendo no âmbito da opinião das coisas sensíveis, o que, em última instância, faz com que o amante de espetáculos não seja amante do saber como o filósofo que se dedica ao conhecimento das Formas inteligíveis. Apreciemos a passagem que Sócrates sustenta nossa argumentação sobre *o que é ser filósofo*:

Não diremos também que tem entusiasmo e gosto pelas coisas que são objecto de conhecimento [filósofo], ao passo que aqueles [amantes de espetáculos] que só tem pelas que são do domínio da opinião? Ou não nos lembramos que dissemos que esses apreciam e contemplam vozes e cores belas e coisas no género, mas não admitem que o Belo em si seja uma realidade? –Lembramo-nos – Logo, não os ofenderemos de alguma maneira chamando-lhes amigos da opinião em vez de amigos da sabedoria? Acaso se irritarão fortemente conosco, se dissermos assim? Não, se acreditarem no que eu digo, porquanto não é lícito irritar-se contra a verdade. Por conseguinte, devemos chamar amigos da sabedoria, e não amigos da opinião, aos que se dedicam ao Ser em si? (*Rep.* V, 480a. Grifo nosso).

Os temas que tratamos, nesse tópico, fortalecem ainda mais a nossa hipótese que, se tomarmos particularmente a concepção platônica de *o que é ser filósofo* (*Rep.* V, 476b-480a) e nos sendo permitido fazer um exercício hermenêutico, comparando-a com os interesses do modelo econômico vigente, é um imperativo a filosofia se opor a instrumentalização operada pelo capitalismo. Essa instrumentalização, que pode ser das pessoas, das instituições públicas, da natureza, das religiões e das ciências, significa que tudo deve funcionar não norteado por paradigmas que são tomados para si como verdadeiros, mas tão somente pelos interesses de reprodução do sistema capitalista. Nessa perspectiva, aceitar prontamente tal instrumentalização é ir de encontro à separação epistemológica entre conhecimento e opinião, estabelecida para demarcar qual competência cognitiva pertence ao filósofo e qual pertence aos amantes de espetáculos. Não seria possível se pensar para além das aparências e das opiniões sobre o capitalismo, inviabilizando, assim a competência cognitiva genuína do filósofo, o conhecimento.

3. Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos sumarizar o curso da nossa exposição. A pergunta sobre *o que é ser filósofo* encontra novos desafios e exigências atuais, uma vez que os problemas contemporâneos que travamos, em função da exigência de instrumentalização da realidade pelo capitalismo, não são os mesmos enfrentados por Platão ao diferenciar o filósofo dos amantes de espetáculos. Entretanto, apesar de haver um distanciamento histórico-temporal entre nós e o pensador grego, isso não implica necessariamente que sua teoria se tornou obsoleta e que deva cair em desuso, ou na melhor das hipóteses, que foi útil apenas para definir o filósofo em um contexto histórico que sua atividade era confundida com dos sábios e dos sofistas. Portanto, cabe a nós, pesquisadores na área de filosofia, sermos capazes não só de reproduzir o que os filósofos disseram, mas utilizá-los para compreender e problematizar as adversidades do mundo presente.

Nessa perspectiva, concluímos essa investigação reafirmando que, se levarmos em consideração *o que é ser filósofo* para Platão, a filosofia jamais poderá se adequar a uma realidade como a do capitalismo que, ao passo que não questiona a si mesmo, instrumentaliza tudo em sua volta com a finalidade de se perpetuar. O mestre ateniense, ao apresentar sua concepção de conhecimento e opinião, está também, por um lado, demarcando *o que é* como aquilo que deve ser investigado pelo filósofo, e, por outro lado, desautorizando-o a fazer uso da competência cognitiva que concebe as coisas sendo e não sendo como caminho de investigação (*Rep.* V, 474d-480a). Com base nisso, assinalamos a nossa hipótese que a atividade filosófica não pode se coadunar com a lógica imediatista capitalista que tem como fim a sua reprodução, dado que tal reprodução é, sem nenhum questionamento, a perpetuação do atual estado de coisas. Isso, em última instância, representa definitivamente um distanciamento de *o que é ser filósofo*, pois perpetuar o que é imediato, ou seja, o *status quo*, sem conhecer o que está para além desse imediatismo, choca-se como o objetivo do filósofo, estabelecido por Platão, que busca um conhecimento que ultrapasse as aparências.

Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. O que é Política? **Tradução de Reinado Guarany**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

FINE, Gail. **Plato on Knowledge and Forms – Selected Essays**. New York: Oxford University Press, 2003.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

JOHNSON-LAIDLAW. **Elizabeth A. Plato's epistemology: how hard is to know?**. New York: Peter Lang Publishing, 1996.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e190901, 2019.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

PLATÃO. **The Republic of Plato**. Trad. Eng. Allan Bloom. 2ed. Basic Books, 1991.

PLATÃO. **Platonis Opera**. Ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903.

PETERS, Francis Edward Peters. **Greek Philosophical Terms - A Historical Lexicon**. New York: New York University Press, 1967.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão – O problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas (Tomo II)**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

TRABATTONI, Franco. **Essays on Plato's Epistemology**. Leuven University Press: Leuven, 2016.

VICO, Giambattista. **Retórica- Instituciones de Oratoria**. Obras II, trad. esp. Francisco J. Navarro Gómez. Athropos Editorial, 2004.

WOZLEY. A. D, CROSS, R.C. **Plato's Republic – A philosophical commentary**. London: Macmillan Press, 1964.